

# Apresentação

Maria Alice Gonçalves Antunes\* e Marcia A. P. Martins\*\*

É com grande satisfação que apresentamos o mais novo número de *Tradução em Revista*, dessa vez com tema livre. Desde sua criação, o periódico adotou o formato de volumes predominantemente temáticos, com organizadores convidados, em sua maioria, colegas de outras universidades no Brasil ou no exterior. Nosso intuito sempre foi criar laços interinstitucionais e contemplar uma grande diversidade de temas.

Esta edição de *Tradução em Revista* consolida ainda mais uma parceria antiga entre a PUC-Rio, em seu Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, e o Instituto de Letras da UERJ. Aos leitores e leitoras, traz sete artigos inéditos, quatro artigos traduzidos, um levantamento de pesquisa bibliográfica e uma entrevista.

Os artigos aqui reunidos revelam algumas convergências temáticas, a partir das quais pudemos estabelecer três eixos principais, contemplando, respectivamente, questões historiográficas, teóricas e linguísticas.

O eixo historiográfico apresenta contribuições importantes para a história da tradução no Brasil, a começar pelo artigo de Amanda Fiorani Barreto e Leonardo Bérenger Alves Carneiro, “Ben Jonson no Brasil: os paratextos das traduções brasileiras de *Volpone, ou a Raposa* (1605/1606)”, que analisa os paratextos da única peça de Jonson publicada em português do Brasil. A primeira dessas traduções é assinada por Newton Belleza (Emebê, 1977), e a segunda, por Ganymédes José (Ediouro, 1987). A partir dessa análise, os autores buscam examinar por que a obra de um dramaturgo tão prolífico, que produziu quase cinquenta peças (em sua maioria, comédias,

---

\* ILE/UERJ

\*\* PUC-Rio

como é o caso de *Volpone*), tem uma presença tão escassa em nosso sistema cultural.

A seguir, em “*O homem que calculava*, de Malba Tahan: uma pseudotradução do árabe com direito a autor e tradutor fictícios”, Amarilis Lage de Macedo aborda um aspecto pouco conhecido a respeito do romance de grande sucesso *O homem que calculava*, atribuído a um escritor árabe, Malba Tahan, lançado em 1937: o fato de tratar-se de uma pseudotradução, produzida pelo professor de matemática brasileiro Júlio César de Mello e Souza (1895-1974). Além disso, Mello e Souza fez com que a suposta tradução brasileira de *O homem que calculava* fosse assinada por um tradutor fictício: Breno Alencar Bianco, a quem também são atribuídas as 200 notas de tradução e o apêndice de aproximadamente 60 páginas. Sendo as pseudotraduções um objeto de estudo que muito interessa aos Estudos da Tradução, sobretudo no âmbito da abordagem dos Estudos Descritivos, a autora do artigo se debruça sobre o romance de Tahan com o intuito de analisar elementos formais e semânticos da obra, bem como o seu contexto de produção.

A contribuição historiográfica está presente também no trabalho de Adriana Ceschin Rieche, “O papel da tradução e dos tradutores na produção de dicionários bilíngues no Brasil: uma história por contar”, que se volta para outra área – a da lexicografia – a fim de fazer um estudo diacrônico sobre o tema a partir da segunda metade do século XX no Brasil. Os autores desses dicionários são todos tradutores, o que acentua a relevância do artigo de Rieche ao dar visibilidade a esses tradutores-lexicógrafos.

O segundo eixo que identificamos contempla questões teóricas, presentes nos textos de Anna Olga Prudente de Oliveira e Maria de Lourdes Sette. Em “Angela Carter e a noção de poética translacional na criação literária”, Oliveira aborda o conceito de poética translacional e reflete sobre o papel da tradução na produção artística da escritora inglesa. O objeto de estudo é a obra *The Bloody Chamber and Other Stories* (A câmara sangrenta e outras histórias), criada a partir de contos de fadas. O conto, inspirado na história do lendário personagem Barba Azul, serve de base para a discussão, sob um viés feminista, do projeto tradutório de Angela Carter e de sua escrita (ou reescrita) autoral. Já Maria de Lourdes Sette faz uma afirmação firme no título de seu trabalho, “Neither author, nor co-author. Translator”, no qual busca analisar as causas da identidade profissional melancólica dos

tradutores e valorizar o lugar e o papel do tradutor como tal, sem recorrer à sua equiparação com o autor. Serve de base para seu estudo um corpus composto por reflexões sobre tradução feitas por teóricos, tradutores e críticos na década de 1990, que a autora analisa com base nos conceitos psicanalíticos de melancolia e identidade.

No terceiro eixo, voltado para questões linguísticas (diretas ou indiretas) na tradução, temos três textos: o de Lauro Maia Amorim, o de Matheus Curi e Carolina Paganine, e o de Elizabeth Ramos. Os trabalhos abordam a tradução literária em três gêneros diferentes, a saber, os chamados *best-sellers*, a literatura marginal e o gênero dramático.

Intitulado “Capital simbólico, público-leitor e a tradução de best-sellers: a questão da representação da variação linguística em *Andróides sonham com ovelhas elétricas?*, de Philip K. Dick, e em *Star Wars: Provação*, de Troy Denning”, o artigo de Amorim analisa, com o emprego do software WordSmith Tools, os diálogos ficcionais nessas duas obras, publicadas pela editora Aleph e traduzidas, respectivamente, por Ronaldo Bressane e Alexandre Mariano. No artigo, Amorim examina, especificamente, as ocorrências de marcas de oralidade diafásicas.

Em “Análise das edições em língua espanhola do romance *Manual práctico do ódio*, de Ferréz”, Curi e Paganine enfocam as traduções para as variedades argentina, mexicana e peninsular da língua espanhola desse livro, publicado em 2003 pela Objetiva. O autor paulista Ferréz pertence ao movimento de literatura marginal periférica, e o objetivo de Curi e Paganine foi compreender como aspectos textuais – tradução das variedades não-padrão – e paratextuais refletiriam o projeto político-literário de Ferréz para os mercados onde essas traduções circularam.

Em “Much Ado about Obscenity”, Elizabeth Ramos explora a releitura que Brian Percival faz da adaptação que a BBC realizou do jogo obsceno de palavras da comédia shakespeariana *Much Ado About Nothing* (Muito barulho por nada) (1598-9). Ramos ocupa-se das estratégias usadas na adaptação do diretor Percival para lidar com a linguagem shakespeariana, as insinuações, metáforas, alusões e trocadilhos obscenos encontrados no texto de Shakespeare, na Inglaterra do século XVI, com regras mais tolerantes quanto à linguagem obscena. Importa a observação de

Ramos quanto ao público para o qual as adaptações da BBC se dirigem: um ambiente familiar.

Os artigos traduzidos reúnem pesquisadores dos estudos da autotradução, do ensino da tradução literária e dos estudos da tradução e gênero. O primeiro deles é o estudo de Rainier Grutman, intitulado “Infra-autotraduções *versus* supra-autotraduções: a dupla dinâmica da autotradução exemplificada pela Espanha dos séculos XV-XVI e XX-XXI”. De uma perspectiva sociolinguística, Grutman examina a autotradução e destaca o caráter assimétrico desse tipo de troca linguística mediada pelo próprio autor do original. O pesquisador distingue a autotradução “horizontal” da “vertical”, cuja classificação dependerá do *status* dos idiomas analisados. Grutman discute a direção da transferência, “rio abaixo”, as infra-autotraduções, e “rio acima”, as supra-autotraduções, tendo como corpus exemplos da história da autotradução espanhola.

Em “A tradução como prática crítica: usando a retradução no ensino da tradução”, Jonathan Evans reflete sobre a relação entre essa atividade e a competência tradutória. Os exercícios de retradução sugeridos no artigo desenvolvem a consciência crítica dos tradutores em formação, na medida em que demandam comentários e explicações, para os procedimentos de tradução por eles adotados. Evans mostra como a retradução pode tornar-se uma ferramenta que alia a prática crítica à tradução concreta, a teoria à praxis.

A seguir, Suzanne Jill Levine destaca, em “Censura e autotradução na era do *boom* latinoamericano”, pormenores do caso Cabrera Infante, da escrita e publicação da obra prima *Tres tristes tigres* na Espanha de Franco. Neste artigo, além de realçar os detalhes do caso, Levine relata o trabalho de tradução colaborativa, ou a chance de “*closelaborate*” com o autor na tradução de *Tres tristes tigres*, e conta como tal trabalho contribuiu para que se tornasse uma crítica literária.

A atuação das mulheres na tradução ao longo da história é o tema de “Trabalho de mulheres”, de Susan Bassnett, que chama a atenção para contribuições importantes desde a Renascença até os dias de hoje. A pesquisadora aborda a relação entre gênero e tradução, que conduz à inevitável indagação se os textos devem ser traduzidos por pessoas do mesmo gênero dos respectivos autores. Bassnett aponta ainda os desafios implicados na tradução para línguas em que o gênero é gramaticalmente

marcado, muitas vezes levando o que está implícito ou ambíguo a se tornar explícito e monossêmico.

A seção seguinte, “Levantamento de pesquisa bibliográfica”, é inaugurada em *Tradução em Revista* com a apresentação da pesquisa exaustiva de Elisa Figueira de Souza Corrêa sobre as obras de ficção japonesa em prosa publicadas no Brasil desde 1915, marco inicial das edições traduzidas, até 2020.

O volume se completa com a entrevista informativa e reflexiva concedida em agosto de 2020 por Lawrence Flores Pereira a Davi Pinho e Leonardo Bérenger Alves Carneiro, promovida pelo projeto Literatura Inglesa Brasil, comandado por Marcela Santos Brigida, e transmitida pelo Instagram. Na conversa, Flores Pereira, que havia recém-lançado uma tradução de *Rei Lear*, de William Shakespeare (Penguin-Companhia das Letras, 2020), aborda com brilho e profundidade questões pertinentes à tradução de poesia em geral e a essa tradução em particular, como as semelhanças e diferenças entre criação literária e tradução, a opção pelos dodecassílabos para traduzir o pentâmetro iâmbico shakespeariano, a inspiração na tradição poética do Nordeste – com seus cantadores e repentistas – para reproduzir certas qualidades da linguagem oral no verso e sua motivação para traduzir em sequência as chamadas quatro grandes tragédias de Shakespeare.

Agradecemos às autoras e aos autores que colaboram com este número e, muito especialmente, às tradutoras e aos tradutores cujo trabalho final os leitores encontrarão na seção “Artigos traduzidos”. Desejamos a todos uma ótima leitura e que este número de *Tradução em Revista* contribua para estimular a discussão sobre a tradução.